



As repetições da história

► **O estado de espírito dos indivíduos isolados que se consideram virtuosos em meio às bandalheiras tornou-se antidemocrático**

Os atropelos e exibições do aparato judicial-midiático políaco foram abordados por muita gente competente. Juristas, analistas da sociedade e jornalistas trataram do tema. No domingo 4, muitos brasileiros saíram às ruas para defender a Operação Lava Jato. Estão indignados com a corrupção.

A um cinéfilo talvez coubesse recorrer aos préstimos da Sétima Arte para uma compreensão dos fatos que esses acontecimentos pretendem narrar. Numa exaltação subpositivista, um economista sugeriu que as narrativas não podem desmentir os fatos, como se os “fatos” da vida social não fossem inseparáveis das narrativas sobre eles. Os humanos, escravos da linguagem, estão sempre diante de uma disputa de narrativas, até quando escolhem instrumentos de comprovação empírica dos fatos que pretendem narrar.

Escolhi uma narrativa do cinema para iluminar as cavalgadas jurídico-midiático-políaco que mobilizam os cidadãos e as cidadãs de Pindorama. Falo do filme de Vittorio De Sica baseado no livro de Giorgio Bassani, *O Jardim dos Finzi-Contini*. O livro e o filme contam a tragédia da família de origem judaica, os Finzi-Contini, nos tempos do fascismo. A família abastada vivia em sua mansão cercada de jardins na cidade de Ferrara.

A Marcha sobre Roma levou Mussolini

ao poder em 1922. Poucos sabem que a caminhada teve a participação de um considerável contingente de judeu-italianos. O judeu Bassani narra a tragédia dos Finzi-Contini como se eles já estivessem irremediavelmente mortos em seu autoisolamento na mansão ajardinada. Irremediavelmente mortos no túmulo de suas ilusões porque acreditaram na aliança entre a comunidade judaica italiana e o movimento fascista. Sepultados em suas ilusões, juntaram-se aos seguidores de Mussolini para ser massacrados pela escalada antissemítica que o Duce importou de Hitler.

O filme de Vittorio De Sica revolve as entranhas da sociedade tumultuada por choques desagregadores das relações e das personalidades. Nesses momentos de exaltação, os “indivíduos livres” procuram desesperadamente o aprisionamento nas cadeias de manipulação e de controle. Adaptados, conformados, até mesmo confortados e felizes, são incapazes de compreender que sua individualidade está sufocada nos movimentos de massa, os vagalhões coletivos que promovem o aniquilamento pessoal. Os inumanos agentes do novo totalitarismo são os especialistas da informação, os funcionários da razão instrumental que decidem e controlam o destino do outro. O nazismo do terceiro milênio não usa coturnos ou câmaras de gás. Usa a informação que não pensa a si mesma.

Pierre Bourdieu, em seu pequeno livro, *Sur la Télévision*, cuidou de analisar os arroubos moralistas de âncoras, comentaristas e outros bichos de menor porte. “Gide dizia que com bons sentimentos se faz má literatura. Mas com bons sentimentos se faz audiência. É

preciso refletir sobre o moralismo das gentes midiáticas: frequentemente cínicos, eles propugnam por um conformismo moral absolutamente prodigioso. Os apresentadores de jornal televisivo, os animadores de debate, os comentaristas esportivos se transformaram em pequenos diretores de consciência, porta-vozes de uma moral tipicamente pequeno-burguesa. Dizem “o que é preciso pensar sobre os problemas da sociedade”.

A indignação crítica abre caminho para a *selfrightousness*. A língua inglesa tem uma palavra precisa para designar o estado de espírito dos indivíduos isolados que se consideram bons e virtuosos, em meio “à vulgaridade e às bandalheiras da sociedade”: *selfrighteousness*. O Novo Michaelis é peremptório: *selfrighteous*, o cidadão que imposta a *selfrightousness*, é farisaico, hipócrita. Correta, porém precária, a tradução do respeitado dicionário. A estridência dos humanos direitos sugere que a *selfrighteousness* deixou de ser um vício individual para se transformar num fenômeno social retrógrado e antidemocrático.

Nas manifestações dos moralistas transcendentais, vejo a autoconvocação dos *soi-disant* iluminados para substituir a onisciência divina e, nessa condição, desferir os ucasses irrecorríveis do Juízo Final, em contraposição aos humanos, os pobres-diabos que se debatem para sobreviver aos ditames da falibilidade e da incerteza. Fico a imaginar como seria a vida dos humanos falíveis se os jurados do Juízo Final empalmassem o poder na moderna sociedade de massa, crivada de conflitos e contradições. O mundo realizaria, se é que não está a realizar, as profecias de George Orwel em *1984* e de Aldous Huxley em *Brave New World*. •

[COLUMNISTAS@CARTACAPITAL.COM.BR](mailto:cOLUMNISTAS@CARTACAPITAL.COM.BR)